

Caderno da Convergência das Culturas¹

¹ Este caderno foi elaborado pela Equipe Promotora Mundial, no mês de janeiro de 2010.

PRÓLOGO

A Convergência das Culturas é um organismo que se propõe a promover a convergência das diversas culturas vivas, até a uma cultura da não-violência, a qual possa conduzir à constituição da Nação Humana Universal.

Este texto está dirigido às pessoas valentes que compartilham desta aspiração e que estão dispostas a comprometerem-se de verdade.

Vivemos um momento no qual, o processo de mundialização produziu uma interpenetração entre as diversas culturas sem precedentes.

Não estamos falando somente do fato de que, hoje, as pessoas de todo o planeta podem se comunicar graças aos avanços na tecnologia das comunicações, mas também do acúmulo histórico de fenômenos como o colonialismo e o imperialismo, a enorme disparidade nas condições de vida e de sobrevivência entre diferentes áreas do mundo, os contínuos movimentos migratórios massivos, mostrando o multiculturalismo no interior dos que continuam ainda sendo considerados “territórios dos estados nacionais”.

Esta condição, sem um diálogo entre as culturas que cresça em torno a um projeto comum, está levando a um progressivo aumento da violência.

Ao contrário, compartilhar um diálogo baseado num projeto comum permitirá:

- Compartilhar os elementos progressivos com os que conta cada cultura.
- Investigar, expressar e rechaçar aqueles elementos que historicamente se opuseram ao diálogo.

É óbvio que estas reflexões precisam ser feitas desde “dentro” do sentimento de cada cultura e pelos membros que a compõem. Parece-nos que de nenhum modo uma expressão cultural pode pretender se colocar como central e verdadeira, e de modo soberbo julgar as outras pretendendo sua submissão. Seguir neste caminho estéril só conseguirá aumentar o violento abismo que existe hoje entre alguns povos.

No entanto a intenção de apropriar-se do todo por parte de uma minoria e as propostas intolerantes de uns líderes que cavalgam sobre a falta de futuro de indivíduos e povos, seguem justificando e alimentando o choque de culturas, a discriminação e a violência.

É por isso que os membros da Convergência das Culturas, que pertencem a distintas culturas, têm como objetivo primário melhorar as condições de diálogo da cultura à qual pertencem.

Este é o sentido da proposta.

A amplitude e a diversidade das possibilidades de agir são tantas que este documento só pode indicar uma direção, e neste contexto importará pouco a proporção da ação se esta mantém a direção que nós aspiramos.

Por outro lado, e desde o ponto de vista pessoal, este modo de atuar certamente será experimentado como válido se encontra a coerência entre pensar, o sentir e o atuar.

Valorizamos a formação de âmbitos onde se resgatem as ideias, as crenças e as atitudes humanistas de cada cultura que apesar de toda a diferença, se encontre no coração dos diferentes povos e indivíduos.

Desde o ponto de vista nasce a necessidade de um trabalho conjunto onde a característica mais importante seja o aporte e o compromisso de cada particular sentir.

Vejamos com gosto e alegria a possibilidade de começar a construir um trabalho conjunto, que nos leve ao diálogo, com o objetivo ambicioso de elaborar uma síntese capaz de enriquecer e iluminar a cada um dos seres humanos, sem importar sua raiz cultural.

Estamos falando então em estudar, conhecer, mostrar e aprofundar todas as enriquecedoras manifestações que têm sido desenvolvidas na história por cada visão cultural com a intenção de

começar a construir uma nova realidade que nos ligue e nos fortaleça em um momento histórico sumamente crítico e delicado.

Deste modo pretendemos contribuir a elevar e apreciar o inestimável aporte ao mundo e à história humana de cada sensibilidade, iniciando um renovado diálogo entre as culturas que nos permita seguir crescendo sem limites.

Quando nos referimos a uma atitude humanista, nos referimos aos seguintes seis pontos:

1. A colocação do ser humano como valor e preocupação central.
2. A afirmação da igualdade de todos os seres humanos.
3. O reconhecimento da diversidade pessoal e cultural.
4. A tendência ao desenvolvimento do conhecimento acima do aceito ou imposto como verdade absoluta
5. A afirmação da liberdade de ideias e crenças
6. O repúdio à violência

É imprescindível o encontro e o diálogo entre seres humanos de culturas diferentes que ao olharem-se possam dizer: “eu existo porque tu existes”

O que é Convergência das Culturas?

Convergência das Culturas² é um organismo que faz parte do Movimento Humanista³. Este surgiu em 4 de maio de 1969, com uma exposição pública de seu fundador, Silo, conhecida como “A Cura do Sofrimento”⁴, em uma paragem montanhosa nos Andes chamada Punta de Vacas, próxima da fronteira entre Argentina e o Chile.

O Movimento Humanista se baseia na corrente de pensamento conhecida como Novo Humanismo⁵ ou Humanismo Universalista⁶. Ele se encontra exposto na obra de Silo e na dos diversos autores que nela se inspiraram.

Este pensamento, que implica também um sentimento e uma forma de vida, se plasma em múltiplos campos das tarefas humanas, dando origem a diversos organismos e frentes de ação. Todos eles se aplicam em seus campos específicos de atividade com um objetivo em comum: Humanizar a terra, contribuindo assim para aumentar a liberdade e a felicidade dos seres humanos.⁷

Outros organismos surgidos do mesmo Movimento humanista são o Partido Humanista, A Comunidade para o Desenvolvimento Humano, Mundo Sem Guerras e o Centro Mundial de Estudos humanistas.

Por que é necessária a Convergência das Culturas?

Na sociedade atual, a convivência entre diferentes culturas é um fato cotidiano. Mas o extraordinário deste momento histórico é que se trata de um momento de mundialização, onde todas as culturas se aproximam e se influenciam mutuamente, como nunca antes havia acontecido.

É importante diferenciar entre este processo de mundialização⁸ crescente e a globalização. A tão mencionada globalização não é senão outra coisa que o tradicional comportamento que

² Anteriormente conhecido como “Centro das Culturas”

³ Denomina-se assim o conjunto de pessoas que participam das propostas no *Novo Humanismo*. Estas propostas em sentido mais amplo encontram-se plasmadas no Documento do **M.H.** O **M.H.**, não é uma instituição ainda quando dê lugar a numerosas agrupações e organizações. O **M.H.** não pretende hegemonizar as diferentes correntes humanistas e humanitárias, diferenciando-se muito claramente de todas elas. Em todo caso, estabelece relações pontuais com todas as agrupações progressistas em base a critérios de não-discriminação, reciprocidade e convergência da diversidade. (Dicionário do Novo Humanismo, Silo, Obras Completas II)

⁴ (Silo, Obras Completas I)

⁵ Os representantes desta corrente fixaram sua posição em relação ao momento histórico atual. Para eles, é imprescindível a elaboração de um humanismo que contribua para o melhoramento da vida, que faça frente à discriminação, ao fanatismo, à exploração, e à violência. Em um mundo que se globaliza velozmente e que mostra os sintomas do choque entre culturas, etnias e regiões, propõem um *Humanismo Universalista*, plural e convergente; em um mundo no qual se desestruturam os países, as instituições e as relações humanas, impulsionam um humanismo capaz de produzir a recomposição das forças sociais; em um mundo no qual perdeu-se o sentido e a direção da vida, destacam a necessidade de um humanismo apto a criar uma nova atmosfera de reflexão na qual não já se oponham de modo irredutível o pessoal ao social, nem o social ao pessoal. Estes expositores, intérpretes e militantes, encorajam um humanismo criativo, não um humanismo repetitivo, um humanismo que levando em conta os paradoxos da época, aspira a resolvê-las.

O **N.H.** tende à modificação do esquema de poder, com o objetivo de transformar a estrutura social atual dirigente para um sistema fechado, no qual vão predominando as atitudes práticas e os “valores” teóricos do anti-humanismo (Dicionário do Novo Humanismo, Silo, Obras Completas II).

⁶ Também chamado de Novo Humanismo. Caracteriza-se por destacar a *atitude humanista*. Dita atitude não é só uma filosofia, senão uma perspectiva, uma sensibilidade e um modo de viver a relação com outros seres humanos. O **h.u.** Sustenta que em todas as culturas, em seu melhor momento de criatividade, a atitude humanista impregna o ambiente social. Assim, se repudia a discriminação, as guerras e, em geral a violência. A liberdade de ideias e crenças toma forte impulso, o que incentiva, por sua vez, a investigação e a criatividade na ciência, na arte e em outras expressões sociais. Em todo caso, o **h.u.** Propõe um diálogo nem abstrato, nem institucional entre culturas, senão o acordo entre pontos básicos e a mútua colaboração entre representantes de diferentes culturas, baseando-se em “momentos” humanistas simétricos. O ideário geral do **h.u.** está plasmado no Documento do Movimento Humanista. (Dicionário do Novo Humanismo, Silo, Obras Completas II).

⁷ Fundamental é o estudo do Documento Humanista ou Documento do Novo Humanismo na Carta Seis, Silo, Cartas a meus amigos, Obras completas I ou no Dicionário do Novo Humanismo, Silo, Obras Completas II.

⁸ Diferencia-se radicalmente do conceito de globalização. Este último corresponde-se com a corrente homogenizadora que é impulsionada pelo Imperialismo, pelos grupos financeiros e pela banca internacional. A globalização se estende às custas da

impulsionou os centros imperiais. Como aconteceu reiteradamente na história, esses impérios se instalam, se desenvolvem e fazem girar ao seu redor outros povos, tratando de impor sua língua, seus costumes, sua vestimenta, sua alimentação e todos seus códigos. Finalmente essas estruturas imperialistas terminam gerando violência e caos, produto de seu ingênuo atropelo e da confrontação cultural.

Hoje é necessária a formação de âmbitos onde se resgatem as ideias, as crenças e as atitudes humanistas de cada cultura que, além de toda diferença, se encontram no coração dos diferentes povos e indivíduos.

“São aspectos fundamentais do humanismo: sua atitude anti-discriminatória e sua tendência à universalidade, o tema da tolerância mútua e da posterior convergência. Isto é o que chamamos “atitude humanista”⁹ em regiões muito separadas e que, no entanto, podemos encontrar em períodos precisos de diferentes culturas e “em períodos precisos” porque tal atitude parece retroceder e avançar de um modo pulsante ao longo da história até muitas vezes desaparece definitivamente os tempos sem retorno que precedem o colapso de uma civilização. Compreender-se-á que estabelecer vínculos entre as civilizações através de seus momentos humanistas¹⁰, é uma tarefa vasta, de grande alcance. Se na atualidade, os grupos étnicos e religiosos se envolvem entre si mesmos a fim de conseguir uma forte identidade, temos em andamento um tipo de chauvinismo cultural ou regional no qual ameaçam chocar com

diversidade e da autonomia dos estados nacionais, da identidade das culturas e das subculturas. Os mentores da globalização pretendem montar um sistema mundial baseado na economia “aberta” de mercado. O **N.H.** defende a **m.**, processo pelo qual, tendem a convergir as diferentes culturas sem perder por isso seu estilo de vida e sua identidade. O processo de **m.** tende a passar pelas federações nacionais e as regionalizações federativas aproximando-se de um modelo de confederação mundial multiétnica, multicultural e **multi-confessional**, ou seja: de uma nação humana universal.” (Dicionário do Novo Humanismo, Silo, Obras Completas II)

⁹ A **atitude humanista** já estava presente antes do cunho de palavras como “humanismo”, “humanista” e outras tantas do gênero. No que se refere à atitude humanista, é posição comum dos humanistas das diferentes culturas: 1. a colocação do ser humano como valor e preocupação central; 2. a afirmação da igualdade de todos os seres humanos; 3. o reconhecimento da diversidade pessoal e cultural; 4. a tendência ao desenvolvimento do conhecimento acima do aceite ou imposto como verdade absoluta; 5. a afirmação da liberdade de ideias e crenças e 6. o repúdio à violência.

À **a. h.**, fora de toda abordagem teórica, pode ser compreendida como uma “sensibilidade”, como um posicionamento frente ao mundo humano, no qual se reconhece a intenção e a liberdade em outros, e no qual se assumem compromissos de luta não violenta contra a discriminação e a violência. (Dicionário do Novo Humanismo, Silo, Obras Completas II)

¹⁰ Situação histórica na qual uma geração mais jovem luta com a geração assentada no poder, modificando o esquema anti-humanista dominante. Frequentemente, se identifica este momento com a revolução social. O **m.h.** adquire pleno significado quando inaugura uma etapa na qual sucessivas gerações podem adaptar e aprofundar as propostas de fundação desse processo. Frequentemente, o **m.h.** é cancelado pela mesma geração que chegou ao poder com a intenção de produzir uma mudança de esquema. Também acontece que a geração que abre o **m.h.** fracassa em seu projeto. Alguns quiseram ver na consciência social de distintas culturas a aparição de momentos humanistas, representados por uma pessoa ou um conjunto delas que tratam de institucionalizá-lo desde o poder (político, religioso, cultural, etc.) e de uma maneira elitista e “descendente”. Um dos exemplos históricos destacáveis é o de Akenatón no antigo Egito. Ao tratar este de impor suas reformas, a reação da geração retirada foi imediata. Todas as mudanças estruturais iniciadas foram destruídas e este motivou entre outras novas circunstâncias, o êxodo de povos que partindo das terras do Egito levaram consigo os valores daquele **m.h.** Ainda em culturas pouco conhecidas em profundidade, pode se observar este fenômeno representado p.ex., na América Central pré-colombiana pela figura do governante tolteca da cidade de Tula, Topiltzin, a quem se atribui a instauração da atitude humanista denominada «toltecatoytl». Outro tanto ocorreu com o governante de Chichen-Itzá e fundador da cidade de Mayapán, chamado Kukulcán. Também com Metzahualcáyotl, em Texcoco, se observa a abertura de um novo **m.h.** Na América do Sul pré-colombiana, a mesma tendência aparece no Inca Cuzi Yupanqui, que recebeu o nome de Pachacútec, “reformador”, e em Tupac Yupanqui. Os casos se multiplicam a medida em que as culturas são mais conhecidas e, no entanto, se discute o relato histórico linear do século XIX.

Por outro lado, interpretou-se a ação dos grandes reformadores religiosos e dos heróis culturais como a abertura de um **m.h.**, continuado em uma nova etapa e até em uma nova civilização na qual terminou, finalmente, desviando e anulando a direção inicial.

Na configuração da civilização global fechada que hoje está se desenvolvendo, já não é possível um novo **m.h.** que possa instaurar-se “descendo” desde o cume do poder político, econômico ou cultural. Supõe-se que isso ocorrerá como consequência do crescimento de desordem no sistema fechado e protagonizado desde a base social que ainda sofrendo a desestruturação geral, se encontrará com a possibilidade de fazer crescer organizações autônomas mínimas impulsionadas por suas necessidades imediatas. Estas ações pontuais hoje estão em condições de se converterem em efeito demonstração graças à redução do espaço que oferece o desenvolvimento tecnológico e particularmente, o incremento das comunicações. A sincronização mundial argumentativa de uma pequena camada geracional nas décadas de 60 e de 70 foi um sintoma deste tipo de fenômenos. Outro caso é o dos excessos sociais capazes de sincronizarem-se entre pontos geográficos muito separados.” (Dicionário do Novo Humanismo, Silo, Obras Completas II)

outras etnias, culturas ou religiões. E se é que cada um ama legitimamente seu povo e sua cultura, também pode compreender que nele e em suas raízes existiu ou existe esse “momento humanista” que o faz, por definição, universal e semelhante ao outro com o que se enfrenta. Trata-se, pois, de diversidades que não poderão ser varridas por uns ou por outros. Trata-se, pois, de diversidades que não são uma rêmora, nem um defeito, nem um atraso, senão que constituem a riqueza da humanidade. Ali não está o problema, senão na possível convergência de tais diversidades e é esse o “momento humanista” que eu quero dizer quando me refiro aos pontos de convergência.” (O que entendemos hoje por Humanismo Universalista, Silo, Obras Completas I)

Quais são os objetivos da Convergência das Culturas?

Em termos gerais a Convergência das Culturas se propõe a facilitar e estimular o diálogo entre as culturas, lutar contra a discriminação e a violência e levar sua proposta a todas as latitudes.

Como promover a relação e o diálogo entre as diferentes culturas?

Mediante a organização de encontros e âmbitos de intercâmbio entre as pessoas de diferentes culturas. Não só com a intenção de fazer conhecer as próprias culturas, suas inquietudes e aspirações, senão também para que esse intercâmbio permita um diálogo verdadeiro orientado pela busca de pontos comuns.

Quais são os temas que facilitam o diálogo entre culturas?

O diálogo entre culturas se estabelece sobre o que as faz semelhantes: sobre a atitude humanista universal que caracterizou os momentos humanistas de todas e de cada uma delas.

Sobre os fatores que fizeram desaparecer os momentos humanistas em sua história.

Sobre as condições que hoje seriam necessárias para que esses momentos se expressem novamente, inclusive aperfeiçoados.

Sobre o reconhecimento das atitudes anti-humanistas¹¹ de indivíduos e de sociedades que se manifestam como discriminação¹² e violência¹³.

¹¹ Não se trata de uma posição doutrinária senão de um comportamento que é, praticamente, a imagem invertida da *atitude humanista*. Tampouco se refere a situações particulares nem à comissão pontual de atos reprováveis desde o ponto de vista da ética humanista. Em definitivo: a **a.a.** é um modo pessoal de posicionamento no mundo, um modo de relação “objetivante”, caracterizado pela negação da intenção e pela liberdade dos outros seres humanos. ANTIHUMANISMO. Toda posição prática e/ou teórica que tende a sustentar um esquema de poder baseado nos anti-valores de discriminação e de violência. (Dicionário do Novo Humanismo, Silo, Obras Completas II)

¹² (do lat. tardio *discriminatio*, -onis, der. de *discriminare* de *discrimen*, divisão) Designa um tipo de tratamento de inferioridade quanto a direitos e consideração social das pessoas, organizações e estados, por sua raça, etnia, sexo, idade, cultura, religião, ideologia, segundo os casos. Privação premeditada ou limitação dos direitos e vantagens. Uma das formas da d. política é a restrição dos direitos para eleger ou ser eleito.

A **d.** é uma ação manifesta ou intrínseca de diferenciação de um indivíduo ou grupo humano em base à negação de suas intenções ou liberdades. Isto se efetua sempre em contraste com a afirmação de especiais atributos, virtudes ou valores que se arroga para si o discriminador. Tal proceder se correlaciona com um “olhar” (com uma sensibilidade ou com uma ideologia) objetivante da realidade humana.

O NH condena a **d.** em todas as suas manifestações e convoca a desmascará-la publicamente em cada caso. (Dicionário do Novo Humanismo, Silo, Obras Completas II)

¹³ (*do latim violentiam: uso excessivo da força*). É o mais simples, frequente e eficaz modo de manter o poder e a supremacia, de impor a própria vontade aos outros, de usurpar o poder, a propriedade e mesmo as vidas alheias. Segundo Marx, a **v.** é ‘a parteira da história’, isto é, toda a história da humanidade, e até o progresso, resultam da **v.**, das guerras, apropriações das terras, complôs, homicídios, revoluções, etc.. Este autor afirma que todos estes problemas importantes na história só iam se resolver pela força. A inteligência, razões ou reformas tinham um papel subordinado. Neste sentido Marx tem razão; no entanto não a tem quanto a absolutizar o papel da **v.** negando as vantagens da evolução sem **v.** Tampouco tem razão justificando a **v.** com uma finalidade nobre (apesar dele mesmo ter muitas vezes feitos reservas, dizendo que nenhuma boa razão pode escusar os meios malvados para alcançá-la). Os violentos de todo tipo justificam a **v.** como meio para conseguir resultados “bons” ou “úteis”. Esse enfoque é perigoso e errado, já que leva a apologia da **v.** e à rejeição dos meios não-violentos. Costuma se diferenciar a **v.** direta, individualizada (autoridade do pai sobre o filho) e a indireta (permutadora),

*“Seremos arrastados por uma tendência cada vez mais absurda e destrutiva ou damos aos acontecimentos um sentido diferente? No transfundo dessa proposição está operando a dialética da liberdade frente ao determinismo, a busca humana da escolha e do compromisso frente aos processos mecânicos cujo destino é desumanizante. Desumanizante é a concentração do grande capital ante seu colapso mundial; desumanizante será o mundo resultante, convulsionado por fomes, migrações, guerras e lutas intermináveis, insegurança quotidiana, arbitrariedade generalizada, caos, injustiça, restrição da liberdade e triunfo de novos obscurantismos. Desumanizante será voltar a girar numa roda até ao surgimento de outra civilização que repita os mesmos e estúpidos passos da engrenagem... se é que isto possa acontecer após o derrube desta primeira civilização planetária que, por agora, começa a conformar-se. Porém, nesta longa história, a vida das gerações e dos indivíduos é tão breve e tão imediata que **cada um considera o destino geral como seu destino particular ampliado e não o seu destino particular como destino geral restringido**. Assim, é muito mais convincente o que a cada pessoa lhe cabe viver hoje do que aquilo que viverá amanhã ou que os seus filhos viverão amanhã. E, desde logo, é tal a urgência de milhões de seres humanos que não resta horizonte para considerar um hipotético futuro que possa sobrevir. Demasiada tragédia existe neste preciso instante e isto é mais do que suficiente para lutar por uma mudança profunda de situação. Por que razão, então, mencionamos o amanhã se as urgências de hoje são de tal magnitude? Simplesmente, porque cada vez mais se manipula a imagem do futuro e se exorta a aguentar a situação atual como se tratasse de uma crise insignificante e suportável..”*
(Sétima Carta a Meus Amigos, Silo, Obras Completas I)

Como denunciar e lutar contra toda forma de discriminação manifesta ou oculta?

Através de campanhas de distintos tipos que exijam: a vigência plena dos direitos humanos, a livre circulação dos seres humanos no planeta e a possibilidade de que cada um possa eleger o lugar e

codificada usualmente para as instituições sociais e a política oficial (guerras, domínio do ditador, poder monopartidário, monopólio profissional); há também violências físicas, psicológicas, francas e mascaradas. Na sociedade vê-se outros graus mais precisos da *v.*: no nível familiar, da nação, da política mundial assim como da relação do ser humano com a natureza, com outras espécies animais, etc. Observamos por outro lado uns e outros elementos, manifestações ou estados da *v.* que atua para resolver problemas ou alcançar resultados desejados a custo de prejudicar e fazer sofrer a outro indivíduo. A *v.* não se orienta para um inimigo determinado (mesmo que também aconteça), senão a obter determinados resultados concretos e por isso se considera necessária e útil. Amiúde quem violenta acredita que atua de maneira justa. Daqui surge o conceito segundo o qual a *v.* se divide em ‘branca’ (justificada) e em ‘negra’ (injustificada).

A *v.* é multifacética. Na maioria dos casos é considerada dentro da categoria ética, como um mal ou um ‘mal menor’. A *v.* penetrou em todos os aspectos da vida: manifesta-se constante e cotidianamente na economia (exploração do homem pelo homem, coação do Estado, dependência material, discriminação do trabalho da mulher, trabalho infantil, imposições injustas, etc.); na política (no domínio de um ou vários partidos, o poder do chefe, o totalitarismo, a exclusão dos cidadãos na tomada de decisões, a guerra, a revolução, a luta armada pelo poder, etc.); na ideologia (implantação de critérios oficiais, proibição do livre pensamento, subordinação dos meios de comunicação, manipulação da opinião pública, propaganda de conceitos de fundo violento e discriminador que resultam cômodos para a elite governista); na religião (submissão dos interesses do indivíduo aos requerimentos clericais, controle severo do pensamento, proibição de outras crenças e perseguição de hereges); na família (exploração da mulher, ditado sobre os filhos); no ensino (autoritarismo do professor, castigo físico) e (proibição de programas de ensino livres); no exército (voluntarismo dos chefes, obediência cega dos soldados, castigos); na cultura (censuras, exclusão de correntes inovadoras, proibição de editar obras, ditados da burocracia).

Se analisarmos a esfera da vida da sociedade contemporânea, sempre chocaremos com a *v.* que restringe nossa liberdade; por isso, resulta praticamente impossível, determinar que tipo de proibição e abafamento de nossa vontade, é realmente racional e útil, e qual tem um caráter afetado e desumano. Uma tarefa especial das forças autenticamente humanistas consiste em superar os riscos agressivos à vida social: propiciar a harmonia, a não-violência, a tolerância e o solidarismo. Quando se fala em *v.* geralmente se faz alusão à *v.* física, por ser a expressão mais evidente da agressão corporal. Outras formas como a *v.* econômica, racial, religiosa, sexual, etc., podem atuar em ocasiões, ocultando seu caráter e acabando em definitivo no avacalhamento da intenção e da liberdade humanas. Quando estas se põem de manifesto, são exercidas também por coação física. O correlato de toda forma de *v.* é a discriminação. (Dicionário do Novo Humanismo, Silo, Obras Completas II)

as condições nas quais quer viver. Campanhas que promovam o melhoramento do presente e da construção de um futuro comum.

“Os Direitos Humanos não têm a vigência universal que seria desejável porque não dependem do poder universal do ser humano senão do poder de uma parte sobre o todo e se as mais elementares reivindicações sobre o governo do próprio corpo são pisoteados em todas as latitudes, só podemos falar de aspirações que terão que se converter em direitos. Os Direitos Humanos não pertencem ao passado, estão no futuro sugando a intencionalidade, alimentando uma luta que se reaviva em cada nova violação ao destino do homem. Por isso, toda reivindicação que seja feita a favor deles tem sentido porque mostra aos poderes atuais que não são onipotentes e que não têm controlado o futuro”.(A Paisagem Humana, Silo, obras completas I)

Como difundir as ideias e as atividades da Convergência das Culturas?

Tomando contato com todas as culturas nos distintos países, com a intenção de difundir e reunir pessoas e organizações em torno ao estudo e às atividades de Convergência das Culturas.

“A ativação de instituições sociais e culturais, atuando desde a base social, é de extrema importância porque permitem aglutinar coletividades discriminadas ou perseguidas, no contexto do respeito pelos direitos humanos, dando-lhes uma direção comum apesar das suas diferenças particulares. A tese de que cada etnia, coletividade ou grupo humano discriminado deve tornar-se forte em si mesmo para enfrentar o atropelo, padece de uma importante deficiência de apreciação. Essa postura parte da ideia de que "misturar-se" com elementos estranhos lhes faz perder a identidade, quando, na realidade, a sua posição isolada os expõe e leva-os a ser erradicados com maior facilidade, ou então, coloca-os em posição de se radicalizarem de tal modo que os perseguidores justifiquem a cação direta contra eles. A melhor garantia de sobrevivência de uma minoria discriminada é fazer parte de uma frente com outros que encaminham a luta pelas suas reivindicações numa direção revolucionária. Ao fim e ao cabo, é o sistema globalmente considerado que criou as condições de discriminação e estas não desaparecerão enquanto essa ordem social não for transformada”. (Sétima Carta aos Meus Amigos, Silo, Obras Completas I)

Convergência das Culturas propõe-se chegar a todas as culturas, em particular àquelas que se encontram discriminadas, seja por ser minoria, ou mesmo por seu próprio rechaço aos valores da cultura dominante. A Convergência das Culturas é um caminho para a nação humana universal onde haja espaço e liberdade para todos.

“Quem poderia produzir essa formidável mudança de direção senão os povos que são, precisamente, o sujeito da história? Teremos chegado a um estado de maturidade suficiente para compreender que a partir de agora não haverá progresso senão de todos e para todos?

... Encarna-se nos povos a ideia de que (e é bom repeti-lo) não haverá progresso senão de todos e para todos, então a luta será clara. No último escalão da desestruturação, na base social, começarão a soprar os novos ventos. Nos bairros, nas comunidades de bairro, nos locais de trabalho mais humildes, começará a regenerar-se o tecido social. Este será, aparentemente, um fenômeno espontâneo. Das reivindicações imediatistas irá sendo cobrado consciência para a situação mais ampla. Sem dúvida, esta saída da crise, se apresentará depois de um período de incubação no qual os problemas se aguçarão. Então começará essa série de avanços e retrocessos em que cada sucesso será multiplicado como efeito demonstração nos lugares mais remotos, graças às comunicações instantâneas. Nem sequer trata-se da

conquista dos estados nacionais senão uma situação mundial na qual irão se multiplicando esses fenômenos sociais antecessores de uma mudança radical na direção dos acontecimentos. Deste modo em lugar de desembocar o processo no colapso mecânico tantas vezes repetido, a vontade de mudança e de direção dos povos começará a percorrer o caminho para a nação humana universal. Nessa segunda possibilidade, é nesta alternativa que os humanistas de hoje apostam. Têm demasiada fé no ser humano como para crer que tudo terminará estupidamente. E se bem que não se sentem a vanguarda do processo humano, dispõem-se de acompanhar esse processo na medida de suas forças, onde estejam colocados. (Apresentação do livro Cartas aos meus Amigos, Silo, Obras Completas I)

Qual é a metodologia de ação adotada pela Convergência das Culturas?

A não-violência¹⁴ ativa e a não-discriminação constituem o único método coerente para conseguir os objetivos da Convergência das Culturas. Isso não somente na denúncia sistemática de todas as formas de violência que exerce o Sistema ou como tática de luta aplicada a situações pontuais nas quais se verifica qualquer tipo de discriminação, senão também como atitude de vida a qual aspira cada indivíduo que compartilha esses objetivos.

As relações e as condutas pessoais e grupais se baseiam na Regra de Ouro: “Trata aos demais como queres ser tratado”.

Convergência das Culturas põe a disposição dos que queiram alimentar e dar fundamento a estas aspirações os temas formativos e as práticas do Manual de Formação para os Membros do Movimento Humanista.

¹⁴ A **n-v.** geralmente é compreendida ora como o sistema determinado de conceitos morais que negam a violência, ora como o movimento de massas encabeçado por Mahatma Gandhi que desenvolveu na Índia na primeira parte do século XX, assim como a luta pelos direitos civis dos negros nos EUA, sob a direção de M. L. King e a atividade desenvolvida por Kwame Nkrumah em Gana. Podem ser mencionadas também as intervenções civis de A. Solzhenitsin, A. Sakharov, S. Kovalev, além de outros famosos dissidentes contra o totalitarismo soviético.

A ideia da **n-v.** está exposta na Bíblia e em escritos em outras religiões, no mandamento “não matarás”. Essa ideia foi desenvolvida por muitos pensadores e filósofos; os escritores russos León Tolstói e Fiodor Dostoievsky a formularam com grande profundidade. A formulação de Tolstói que promulga a supremacia do amor e do “não emprego da violência ante o mal”, em outras palavras a impossibilidade de combater um mal com outro, adquiriu ressonância mundial, gerando uma seita singular de “tolstoístas”.

Mahatma Gandhi (1869-1948) formulou a seu modo a ética da **n-v.** baseando-se no princípio do *ahimsa* (rechaço a exercer qualquer forma de violência contra o indivíduo, a natureza, o inseto ou a planta) e na “lei do sofrimento”. Gandhi conseguiu organizar a *satyagraha*, movimento anti-colonial não-violento, juntando muitos milhões de pessoas. Isso foi manifesto na insubordinação civil massiva e prolongada às autoridades inglesas, negando-se a colaborar com as mesmas, defendendo sua originalidade e liberdade, pero sem recorrer aos métodos violentos. O povo chamou Gandhi de “*Mahatma*” (alma grande) por seu valor e inflexibilidade na ação sobre o princípio da **n-v.** O movimento da **n-v.** dispôs o terreno para que a Grã-Bretanha renunciasse sua supremacia na Índia, ainda que o próprio Gandhi foi assassinado por um atirador. Lamentavelmente, mais tarde, o princípio de *ahimsa* foi lançado ao esquecimento. O desenvolvimento político da Índia e do Paquistão foi tingido com os tons da mais franca violência.

A luta de M. L. King também concluiu sem triunfar, ele também foi assassinado enquanto fazia uso da palavra em um meeting massivo.

As intervenções diárias das camadas inferiores dos trabalhadores, comícios e manifestações de protesto, greves, movimentos feministas e estudantis, manifestações de camponeses, edições de folhas de bairro, folhetos, jornais, intervenções por rádio e TV, tudo isso constitui as formas de ética e prática da **n-v.**

O **N.H.** se esforça em minimizar a violência até o limite extremo, superá-la completamente em perspectiva e encaminhar todos os métodos e formas de resolver oposições e conflitos sobre os trilhos da **n-v.** Criadora.

Frequentemente tem se associado a **n-v.** y *pacifismo*, quando em realidade este último não é um método de ação nem um estilo de vida senão uma denúncia contra o armamentismo. (Dicionário do Novo Humanismo, Silo, Obras Completas II)

A doutrina que dá fundamento às ideias de Convergência das Culturas¹⁵

A convergência entre as culturas é o propósito que se expressa desde o próprio nome de nossa organização.

Mas, como é possível crer na possibilidade de uma convergência entre as diferentes culturas deste planeta, em um momento em que tudo parece levá-las para o choque e que o simples diálogo parece impossível até entre vizinhos de uma mesma cultura?

Nossa concepção não se inicia admitindo generalidades, senão estudando o particular da vida humana¹⁶.

¹⁵ Este último capítulo em forma de perguntas e respostas é uma aproximação das bases que fundamentam as propostas e a metodologia da Convergência das Culturas como dos outros organismos que são expressões do Movimento Humanista, Todas as respostas são um resumo da "Quarta Carta aos Meus Amigos", Silo, Obras Completas I.

¹⁶ **SER HUMANO.** "A referência do **s.h.** em situação é o próprio corpo. Nele se relaciona seu momento subjetivo com a objetividade e por ele é que o **s.h.** pode compreender-se como 'interioridade' ou 'exterioridade' segundo a direção que dê a sua intenção, a seu olhar. Frente ao **s.h.** se encontra tudo o que não é ele, e que não responde a suas intenções. Assim o mundo em geral e outros corpos humanos aos que o próprio corpo tem alcance e dos que registra sua ação, põem as condições nas quais se constitui o **s.h.** Estes condicionantes se apresentam também como possíveis a futuro e na relação futura com o próprio corpo. De maneira que a situação presente pode ser compreendida como modificável no futuro. O mundo é experimentado como externo ao corpo, porém, o corpo é visto também como parte do mundo já que atua nele e dele recebe sua ação. A corporeidade é também algo que muda e nesse sentido, é uma configuração temporal, uma história vivente lançada à ação, à possibilidade futura. O corpo, para a consciência humana, devém prótese da intenção, responde à intenção, em sentido temporal e em sentido espacial. Temporalmente, enquanto pode atualizar a futuro o possível da intenção; espacialmente, enquanto representação e imagem da intenção.

Neste acontecer, os objetos são ampliações das possibilidades corporais e os corpos alheios aparecem como multiplicações dessas possibilidades, enquanto são governados por intenções que se reconhecem similares às que manejam o próprio corpo. Porém, porque precisaria o **s.h.** transformar o mundo e transformar-se? Pela situação de finitude e carência temporal-espacial, em que se encontra e que registra, de acordo com distintos condicionamentos, como a dor (física) e o sofrimento (mental). Assim, a superação da dor não é simplesmente uma resposta animal, senão uma configuração temporal na que prima o futuro e que se converte num impulso fundamental da vida mesmo que esta não se encontre urgida num momento dado. Por isso, além da resposta imediata, reflexa e natural, a resposta diferida e a construção para evitar a dor estão impulsionadas pelo sofrimento ante o perigo e são representadas como possibilidades futuras, ou atualidades nas que a dor está presente em outros seres humanos. A superação da dor aparece como um projeto básico, que guia à ação. Essa intenção é que possibilita a comunicação entre corpos e intenções diversas no que chamamos de 'constituição social'. A constituição social é tão histórica como a vida humana, é configurante da vida humana. Sua transformação é contínua, porém, de modo diferente ao da natureza. Nesta não acontecem as mudanças mercê às intenções. Ela se apresenta como 'recurso' para superar a dor e o sofrimento e como um 'perigo' para a constituição humana, por isso o destino da mesma natureza é de ser humanizada, intencionada. E o corpo, entanto natureza, enquanto perigo, e limitação leva o mesmo desígnio: ser intencionalmente transformado, não só em posição senão em disponibilidade motriz, não só em exterioridade senão em interioridade; não só em confrontação senão em adaptação. Numa conferência de Silo, divulgada em 23 de maio de 1991, ele explicou suas ideias mais gerais sobre o **s.h.** do seguinte modo: Quando me observo, não do ponto de vista fisiológico, senão do existencial, me encontro colocado num mundo dado, não construído e nem escolhido por mim. Encontro-me 'em situação', com respeito aos fenômenos, que começando por meu próprio corpo, são iniludíveis. O corpo, como constituinte fundamental de minha existência, é também um fenômeno homogêneo com o mundo natural, no qual atua e sobre o qual o mundo atua. Porém, a naturalidade do corpo tem para mim, diferenças importantes com o resto dos fenômenos: 1- o registro imediato que possuo dele; 2- o registro que tenho, através dele, dos fenômenos externos; 3- a disponibilidade de alguma de suas operações, mercê à minha intenção imediata. Porém, acontece que o mundo se apresenta para mim, não só como um conglomerado de objetos naturais, senão, como uma articulação de outros seres humanos, e de objetos e signos produzidos ou modificados por eles. A intenção que advirto em mim, aparece como um elemento interpretativo fundamental do comportamento dos outros, e assim como constitui o mundo social por compreensão de intenções, sou constituído por ele. Estamos falando de intenções que se manifestam na ação corporal. É graças às expressões corporais ou à percepção da situação em que o outro se encontra, que posso compreender seus significados, sua intenção. Por outra parte, os objetos naturais e humanos aparecem para mim como prazerosos ou dolorosos e tento me localizar frente a eles, modificando minha situação. Deste modo, não estou fechado ao mundo do natural e dos outros seres humanos, senão que, precisamente a minha característica é a 'abertura'. Minha consciência se configurou intersubjetivamente: usa códigos de raciocínio, modelos emotivos, esquemas de ação que registro como 'meus', porém, que também reconheço em outros. É claro que meu corpo está também aberto ao mundo, enquanto que o percebo e atuo sobre ele.

O mundo natural, a diferença do humano, se me aparece sem intenção, Certamente, posso imaginar que as pedras, as plantas e as estrelas possuem intenção, mas não vejo como chegar a um efetivo diálogo com elas. Mesmo os animais nos quais às vezes capto a faísca da inteligência, se me aparecem como impenetráveis e em lenta modificação desde adentro de sua natureza. Vejo sociedades de insetos totalmente estruturadas, mamíferos superiores usando rudimentos técnicos, porém, repetindo seus códigos em lenta modificação genética, como se fossem sempre os primeiros representantes de suas respectivas espécies. E quando comprovo as

Quando me observo, não desde o ponto de vista fisiológico senão existencial, me encontro posto em um mundo dado, não construído nem eleito por mim. Encontro-me em situação a respeito dos fenômenos que começando por meu próprio corpo, são inescapáveis.

Mas acontece que o mundo se apresenta para mim não somente como um conglomerado de objetos naturais, senão como uma articulação de outros seres humanos e de objetos e signos produzidos ou modificados por eles. A intenção que atendo em mim aparece como um elemento interpretativo fundamental do comportamento dos outros e assim como constituiu o mundo social por compreensão de intenções, sou constituído por ele.

Por outro lado, os objetos naturais e humanos me aparecem como prazerosos ou dolorosos e trato de posicionar-me frente a eles modificando minha situação.

Deste modo, minha característica é a “abertura”. Minha consciência se configurou intersubjetivamente, já que usa códigos de raciocínio, modelos emotivos, esquemas de ação que registro como “meus” mas que também reconheço em outros. E, é claro, também meu corpo está aberto ao mundo, permitindo percebê-lo e atuar nele.

Ao se encontrar cada novo ser humano com um mundo modificado por outros e ser constituído por esse mundo intencionado, descubro sua dimensão histórico-social, não simplesmente social.

virtudes dos vegetais e os animais modificados e domesticados pelo **s.h.**, observo a intenção deste abrindo-se passo e humanizando o mundo...

É insuficiente a definição do **s.h.** por sua sociabilidade, já que isso não faz à distinção com numerosas espécies; tampouco sua força de trabalho é a característica, comparada com a de animais mais poderosos; nem sequer a linguagem o define em sua essência, porque sabemos de códigos e formas de comunicação entre diversos animais. Em troca, ao encontrar-se cada novo **s.h.** com um mundo modificado por outros e ser constituído por esse mundo intencionado, descubro sua capacidade de acumulação e incorporação ao temporal; descubro sua dimensão histórico-social, não simplesmente social. Vistas assim as coisas, posso tentar uma definição dizendo: “O **s.h.** é o ser histórico cujo modo de ação social transforma sua própria natureza”. Admitindo isto, terei de aceitar que esse ser pode transformar intencionalmente sua constituição física. E de fato, assim está acontecendo. Começou com a utilização de instrumentos que colocados frente a seu corpo como ‘próteses’ externas, lhe permitiram estender sua mão, aperfeiçoar seus sentidos e aumentar sua força e qualidade de trabalho. Naturalmente, não estava dotado para os meios líquido e aéreo e sem embargo criou condições para se deslocar neles, até começar a migrar de seu meio natural, o planeta Terra. Hoje, ele está se internando em seu próprio corpo mudando seus órgãos; intervindo em sua química cerebral; fecundando ‘in vitro’ e manipulando seus genes. Se com a ideia de natureza se quis assinalar o permanente, tal ideia é hoje inadequada até para o mais objetual do **s.h.** que é seu corpo. E no que diz respeito a uma ‘moral natural’, a um ‘direito natural’ ou a ‘instituições naturais’, encontramos que nestes campos, contrariamente, tudo é histórico-social e nada ali existe por natureza... E depois de negar a suposta natureza humana, conclui com uma breve discussão sobre a ‘passividade’ da consciência: Contígua à concepção da natureza humana, esteve operando outra, que nos falou da passividade da consciência. Esta ideologia considerou ao homem como uma entidade que operava em resposta aos estímulos do mundo natural. O que começou como simples sensualismo, foi sendo deslocado aos poucos por correntes historicistas, que conservaram em seu seio a mesma ideia sobre a passividade. Ainda quando privilegiaram a atividade e a transformação do mundo por cima da interpretação de seus fatos, conceberam dita atividade como resultante de condições externas à consciência... Porém, aqueles antigos preconceitos sobre a natureza humana e a passividade da consciência hoje se impõem, transformados em neo-evolucionismo, com critérios tais como a seleção natural, que se estabelece na luta pela sobrevivência do mais apto. Tal concepção zoológica, em sua versão mais recente, ao ser transplantada ao mundo humano, tentará superar as anteriores dialéticas de raças ou de classes, com uma dialética estabelecida segundo leis econômicas ‘naturais’ que auto-regulam toda a atividade social. Assim, mais uma vez, o **s.h.** concreto fica submerso e objetivado.

Temos mencionado as concepções que para explicar o **s.h.**, partem de generalidades teóricas e sustentam a existência de uma natureza humana e de uma consciência passiva. Em sentido oposto, nós sustentamos a necessidade de partir da particularidade humana; sustentamos o fenômeno histórico-social e não natural do **s.h.**, e também afirmamos a atividade de sua consciência transformadora do mundo, de acordo com sua intenção. Vemos a vida do **s. h.** ‘em situação’ e a seu corpo como objeto natural percebido imediatamente e submetido, também imediatamente, a numerosos ditados de sua intenção. Portanto, impõem-se as seguintes perguntas: Como é que a consciência é ativa, isto é, como é que pode intencionar sobre o corpo e através dele transformar o mundo? Em segundo lugar: Como é que a constituição humana é histórico-social? Estas perguntas devem ser respondidas desde a existência particular para não recair em generalidades teóricas desde as quais se derive depois um sistema de interpretação, que negue ser uma interpretação. Para responder à primeira pergunta, teremos que apreender com evidência imediata, como a intenção atua sobre o corpo, e para responder à segunda, teremos que partir da evidência da temporalidade e da intersubjetividade no **s.h.**, e não de leis gerais da História e da sociedade.

Precisamente, Silo desenvolve esses dois temas em suas Contribuições ao pensamento. A intenção atuando sobre o corpo através da imagem, constituirá o núcleo das explicações de sua Psicologia da imagem. Posteriormente, acometerá o problema da temporalidade em suas Discussões historiográficas.”. (Dicionário do Novo Humanismo, Silo, Obras Completas II)

Vistas assim as coisas, posso tentar uma definição dizendo: O homem é um ser histórico, cujo modo de ação transforma sua própria natureza.

Reconhecendo em mim e em outros essas características, é possível a convergência e o diálogo.

Se o fenômeno humano é histórico-social e sua consciência transforma o mundo de acordo com sua intenção, como poderiam tantas intenções convergir em um projeto em comum?

Pela situação de finitude e carência temporal-espacial em que cada ser humano se encontra e que registre como dor física e sofrimento mental.

A superação da dor aparece, pois, como um projeto básico que guia a ação de todos os seres humanos. É isso que nos possibilitou a comunicação entre corpos e intenções diversas, no qual chamamos de “constituição social”. A constituição social é tão histórica como a vida humana, é configurante da vida humana. Sua transformação é contínua, mas de um modo diferente à da natureza porque nessa não ocorrem mudanças graças a intenções.

Mas então, se a superação da dor aparece como o projeto básico que guia a ação de todo ser humano, porque há crenças tão divergentes?

Seguimos perguntando-nos sobre a particularidade humana.

Quando tenho uma nova percepção do mundo, atuam também antigas percepções que convertidas em imagens estão retidas em mim. O retido atua frente ao que percebo, ainda que sua formação pertença ao passado. Trata-se de um passado sempre atualizado, sempre presente.

É graças à copresença, à retenção atualizada e superposta à percepção, que a consciência infere mais do que percebe. Neste fenômeno encontramos o funcionamento mais elementar da crença.

As coisas que me parecem incríveis não é porque não existam, senão porque seu posicionamento está fora do meu campo de copresença, fora da paisagem em que me formei e que atua em mim superpondo-se a toda coisa que percebo.

Mas, em qualquer instante presente a minha consciência posso observar o entrecruzamento de retenções e de futurizações que atuam copresentemente e em estrutura. O instante presente se constitui em minha consciência como um campo temporal ativo de três tempos diferentes. Então, em cada olhar que lanço sobre um objeto, vejo nele coisas deformadas.

Mas, como poderiam se transformar crenças tão enraizadas?

A organização social continua e se amplia.

A continuidade é dada pelas gerações humanas que não estão postas uma ao lado da outra senão que coexistindo interagem e se transformam. Estas gerações, que permitem continuidade e desenvolvimento são estruturas dinâmicas, são o tempo social em movimento sem o qual a civilização cairia no estado natural e perderia sua condição de sociedade. Em todo momento histórico coexistem gerações de nível temporal diferente, de diferente retenção e futurização que configuram paisagens de situação e crenças diferentes.

Em realidade, uma dialética geracional se estabelece entre as “faixas” mais contínuas que tratam de ocupar a atividade central, o presente social, de acordo com seus interesses e crenças. É a temporalidade social interna que explica estruturalmente o devir histórico no qual interagem diferentes acúmulos geracionais e não a sucessão de fenômenos linearmente postos um ao lado do outro, como no tempo do calendário.

Em um momento, para exemplificar grosseiramente, existem aqueles que nasceram antes do transistor e os que inventaram os computadores. Numerosas configurações diferem de ambas experiências, não somente no modo de agir senão no de pensar e no de sentir... e aquele que na relação social e no modo de produção funcionava em uma época, deixa de funcionar lentamente ou, as vezes, de modo abrupto. Um exemplo são as atuais novas gerações: não lhes interessa como tema central o modelo econômico ou social que discutem todos os dias os formadores de opinião, senão que esperam que as instituições e os líderes não sejam uma carga a mais, que se

somem a este mundo complicado. Por um lado esperam uma nova alternativa porque os modelos existentes lhes parecem esgotados e, por outro lado, não estão dispostos a seguir abordagens e lideranças que não coincidam com sua sensibilidade.

Estão é esta dinâmica geracional que permite a transformação das crenças.

Apesar da possibilidade do ser humano de transformar a sociedade e de transformar a si mesmo em direção à superação do sofrimento, pode-se também observar que há formas poder nas quais uns seres humanos põem-se acima de outros, resistem a mudança e impõem com a violência suas próprias intenções.

O ser humano por sua abertura e liberdade para eleger entre situações, dar respostas e imaginar seu futuro, pode também negar a si mesmo, negar aspectos do corpo, negá-lo completamente como no suicídio, ou negar outros. Esta liberdade permitir que alguns se apropriem ilegitimamente do todo social, quer dizer, que neguem a liberdade e a intencionalidade de outros, reduzindo-os a próteses, a instrumentos de suas intenções. Ai está a essência da discriminação, sendo sua metodologia a violência física, econômica racial e religiosa. A violência pode instaurar-se e perpetuar-se graças ao manejo do aparato de regulação e controle social, quer dizer: o Estado. Em consequência, a organização social requer um tipo avançado de coordenação a salvo de toda concentração de poder, seja esta privada ou estatal. Quando se pretende que a privatização de todas as áreas econômicas ponha a sociedade a salvo do poder estatal se oculta que o verdadeiro problema está no monopólio ou oligopólio que translada o poder de mãos estatais para as mãos de um para-estado manejado não já por uma minoria burocrática senão pela minoria particular que aumenta o processo de concentração.

As diversas estruturas sociais, desde as mais primitivas até as mais sofisticadas, tendem à concentração progressiva até que se imobilizam e começam sua etapa de dissolução da qual arrancam novos processos de reorganização em um nível mais alto que o anterior. Desde o começo da história, a sociedade aponta para a mundialização e assim chegará uma época de máxima concentração de poder arbitrário com características de Império Mundial já sem possibilidades de expansão. O colapso do sistema global ocorrerá pela lógica da dinâmica estrutural de todo o sistema fechado no que necessariamente tende a aumentar a desordem. Mas assim como o processo das estruturas tende à mundialização, o processo de humanização tende a descentralização e a desconcentração a favor de uma coordenação superior entre particularidades sociais autônomas. Que tudo termine num caos e num reinício da civilização, ou comece uma etapa de humanização progressiva já não dependerá de inexoráveis designios mecânicos senão da intenção dos indivíduos e dos povos, de seu compromisso com a mudança do mundo e de uma ética da liberdade que por definição não poderá ser imposta. E já não se haverá de aspirar a uma democracia formal manejada como até agora pelos interesses das facções senão a uma democracia real na qual a participação direta possa se realizada instantaneamente graças à tecnologia de comunicação, hoje por hoje em condições de fazê-lo.

Grande parte da humanidade sofre condições opressoras e, no entanto não crê possível mudar sua situação.

Necessariamente, aqueles que reduziram a humanidade de outros provocaram com isso nova dor e sofrimento reiniciando no seio da sociedade a antiga luta contra a adversidade natural. Mas agora é a luta entre aqueles que querem “naturalizar” outros, a sociedade e a História e, do outro lado, os oprimidos que precisam se humanizar, humanizando o mundo. Por isso, humanizar é sair da objetivação para afirmar a intencionalidade de todo ser humano e o primado do futuro sobre a situação atual. É a imagem, e representação de um futuro possível e melhor o que permite a modificação do presente e o que possibilita toda revolução e toda mudança.

Portanto, não basta a pressão de condições opressoras para que ponha em andamento, senão que é necessário para advertir que tal mudança é possível e depende da ação humana.

Esta luta não é entre forças mecânicas, não é um reflexo natural, é uma luta entre intenções humanas. E isso é precisamente o que nos permite falar de opressores e oprimidos, de justos e injustos, de heróis e de covardes. É a única coisa que permite praticar com sentido, a solidariedade social e o compromisso com a liberação dos discriminados sejam majorias ou minorias.

O destino da humanidade está orientado pela intenção que, se fazendo cada vez mais consciente nos povos, abre passo em direção a uma nação humana universal. Do comentado anteriormente, surge com evidência que a existência humana não começa e termina em um círculo vicioso de isolamento e que uma vida que aspire à coerência deve se abrir, ampliando sua influência para pessoas e âmbitos, promovendo não somente uma concepção ou algumas ideias, senão ações precisas que ampliem crescentemente a liberdade.

“A fome, a sede, a enfermidade e toda injúria corporal são a dor. O temor, a frustração, a desesperança e toda injúria mental são sofrimento. A dor física retrocederá na medida em que avancem a sociedade e a ciência. O sofrimento mental retrocederá na medida em que avance a fé na vida, isto é, na medida em que a vida adquira um sentido.

Se acaso te imaginas como um bólido fugaz que perdeu seu brilho ao tocar essa terra, aceitarás a dor e o sofrimento como a própria natureza das coisas. Se acreditas, porém, que foste lançado ao mundo para cumprir a missão de humanizá-lo, agradecerás aos que te precederam e construíram trabalhosamente teu degrau para continuar na ascensão.

Nomeador de mil nomes, fazedor de sentido, transformador do mundo... Teus pais e os pais dos teus pais continuam em ti. Não és um bólido que cai, mas uma brilhante seta que voa para os céus. És o sentido do mundo e, quando aclaras teu sentido, iluminas a terra. Quando perdes teu sentido, a terra escurece e o abismo se abre.

Dir-te-ei qual é o sentido de tua vida aqui: humanizar a terra! Que é humanizar a terra? É superar a dor e o sofrimento, é aprender sem limites, é amar a realidade que constróis.

Não posso pedir-te que vás mais além, mas tampouco será ultrajante se eu afirmar: “ama a realidade que constróis e nem mesmo a morte deterá o teu voo”!

Não cumprirás com tua missão se não usares tuas forças para vencer a dor e o sofrimento naqueles que te rodeiam. E se consegues que eles, por sua vez, empreendam a tarefa de humanizar o mundo, abrirás seu destino para uma vida nova.”
(A Paisagem Interna, Silo, Obras Completas I)

O que são as culturas?¹⁷

A palavra “cultura” tem vários significados e etimologicamente é tirada de um antigo idioma ocidental, o latim, e deriva do verbo “colere” cultivar. Já esta é uma primeira dificuldade frente à possibilidade de diferentes palavras que em tantos idiomas expressão o que nós queremos expressar com a palavra “cultura”.

E claro é que além do problema idiomático está o problema do significado: o que é uma “cultura”, ou melhor, o que são as culturas?

Uma vez tentada a resposta a essas perguntas não será preguiçoso perguntar: é possível um diálogo entre pessoas de culturas tão diferentes? É possível uma convergência entre diferentes culturas?

Assim, pergunta depois de pergunta queríamos que nos acompanhassem nesta reflexão sobre este tema que tanto nos inspira.

Muitas obras foram escritas para compreender o funcionamento e o destino das culturas. Em todas essas tentativas podemos reconhecer interessantes contribuições. No entanto investigadores, antropólogos, sociólogos e filósofos não consideraram que a paisagem com que contaram contribuiu para direcionar seus olhares e consideraram o ser humano como um simples epifenômeno de seu objeto de estudo.

Vejam alguns casos.

Em 1871, o antropólogo inglês Edward Tylor, em seu livro, “Cultura Primitiva”, definiu cultura como “aquele conjunto complexo que inclui o saber, as crenças, a arte, a moral, o direito, o costume e toda a capacidade e hábito adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade”.

Oswald Spengler entre 1918 e 1922 – quer dizer entre os últimos meses da primeira guerra mundial e o imediato pós-guerra – em um período em que começa a acentuar-se a consciência de uma crise social, econômica, política, intelectual e de valores, publica “O Declínio do Ocidente”. Segundo uma “lógica orgânica da história” interpreta a cultura como um organismo. Cada cultura/organismo representa um mundo em si; entre civilizações não é possível nenhuma comunicação, já que cada civilização cria seus próprios valores e entre elas não há valores comuns. O protagonista da história não é o homem, senão a “cultura”. Esta, enquanto organismo, segue o mesmo destino da natureza: tem seu nascimento, um desenvolvimento segundo um destino necessário e um inevitável declínio. Tal declínio ocorre quando todas as suas potencialidades se realizaram e a isso segue um inexorável processo de decadência.

A visão spengleriana da “civilização” (Zivilisation) como momento último de uma cultura (Kultur) não impediu que Arnold J. Toynbee assumisse aquilo como unidade de investigação. Já na introdução de “A Study of History” – onze volumes escritos entre 1912 e 1954 – discutindo o problema da unidade histórica mínima, Toynbee abandona a “história nacional” e se interessa sobretudo no estudo comparado das civilizações. Identifica 26 civilizações¹⁸. Segundo Toynbee o sujeito da história já não é um ser biológico que está marcado pelo destino, senão uma entidade guiada por impulsos ou paradas entre o aberto e o fechado. Uma espécie desafio-resposta por conta do movimento social. Por último, ao seu entender, as grandes religiões transcendem a desintegração das civilizações e são as que nos permitem intuir um “plano” e um “propósito” na história.

¹⁷ Intervenção por ocasião do lançamento do organismo, Pomta de Vacas, 3 de Janeiro de 2010

¹⁸ Sumérios, babilônios, Egito Antigo, hititas, as civilizações do levante (sírios, fenícios, judeus), a Civilização Minóica, Civilização Clássica (Grécia antiga, Roma antiga), celtas, vikings, Civilização Islâmica, Zimbábue, Civilização do Vale do Indo (Harappa) Civilização Hindu (Império Maurya e Império Gupta), Civilização Cambojana (Império Khmer), Srivijaya (Ilha de Sumatra), Civilização Majapahit (Ilha de Java), China, a civilização Mongol, Japão antigo, Civilização do Mississipi, Civilizações Pré-colombianas (Olmecas, Toltecas, Astecas), a Civilização Maia, Civilizações Andinas (Incas), Civilização Austronésia (Reino do Champã), a Civilização Ocidental (nações formadas após a queda do Império Romano), Civilização Ortodoxa (da Rússia e dos Bálcãs).

Concluída a Guerra Fria, Samuel P. Huntington no artigo “The clash of Civilizations?” em 1993 e depois no livro “The Clash of Civilizations and The Remaking of World Order” de 1996, volta a abordar o tema das culturas. Em oposição à tese do “Fim da História” formulada por Francis Fukuyama, Huntington afirma que os conflitos do século XXI serão verificados com maior frequência e violência ao longo das linhas divisórias entre culturas (ou civilizações como a islâmica, ocidental, chinesa, etc) e não mais por razões político-religiosas, como ocorreu no século XX.

Alguns estudiosos, para definir as civilizações utilizam a teoria dos conjuntos.

Outros focalizam a atenção sobre o desenvolvimento tecnológico, destacando como a civilização industrial vai progressivamente trocando a anterior civilização agrária e preveem uma posterior transformação relativa à sociedade da informação. A “escala de Kardashev” classifica as civilizações em base a seu estudo tecnológico, principalmente medindo a quantidade de energia que são capazes de utilizar.

Alguns movimentos feministas identificam uma mudança de civilização com o começo da dominação masculina sobre a mulher.

Os movimentos ambientalistas o identificam como começo da exploração excessiva dos recursos naturais, à qual tem-se que contrapor um desenvolvimento sustentável.

Finalmente John Zenzan, um dos principais expoentes do anarcoprimitivismo, vê a civilização como algo que obriga os seres humanos a viver de modo não-natural, a oprimir os mais débeis e a prejudicar o entorno. Seus trabalhos criticam a civilização como inerentemente opressiva, e defendem a volta às formas de vida do caçador-coletor pré-histórico.

O que são as culturas para o Novo Humanismo?

Em primeiro lugar, observamos que as culturas são um produto exclusivamente humano, não são vistos seus vestígios no mundo animal.

Portanto, se queremos responder a pergunta “o que são as culturas?” é necessário primeiro responder a pergunta “o que é o ser humano?”

Observamos o ser humano como um ser histórico cujo modo de ação social transforma sua própria natureza graças à reflexão do histórico-social como memória pessoal.

Em outras palavras: no ser humano não existe “natureza” humana, se há algo “natural” no ser humano é a mudança, a história, a transformação.

Isto nos permite liberarmos das ideias de “ordem natural”, “moral natural”, “direito natural”, “instituições naturais”, porque nesse campo tudo é histórico-social e nada aí existe por natureza.

Inclusive nos permite liberarmos da ideia de que a consciência humana seja passiva. Pelo contrário a copresença da consciência humana trabalha graças a sua enorme ampliação temporal e si a intencionalidade da consciência permite projetar um sentido, o característico do ser humano e ser e fazer o sentido do mundo, transformando-o.

Mas, porque precisa o ser humano, transformar o mundo e transformar a si mesmo? Pela situação de finitude e a carência temporal-espacial em que se encontra e que registra como dor (física) e sofrimento (mental).

A superação da dor não é simplesmente uma resposta animal, imediata, reflexiva e natural, senão que é uma resposta dada e uma construção frente à possibilidade futura da dor ou à presença da dor em outros seres humanos, que se experimenta como sofrimento.

Assim a superação da dor aparece como projeto básico que leva a ação.

É essa intenção a que possibilitou a comunicação entre corpos e intenções diversas no que chamamos de “constituição social”. A constituição social é tão histórica como a vida humana, é configurante da vida humana. Sua transformação é continua, mas de um modo diferente ao da natureza. Nesta não ocorrem as mudanças por meio das intenções.

Sendo assim as coisas, estamos agora em condição de contestar à pergunta “o que são as culturas?”

Podem ser entendidas as culturas como os conjuntos de respostas que os grupos humanos geram ao longo de seu processo de adaptação ao meio para satisfazer suas necessidades para a superação do dor e do sofrimento.

As culturas incorporam a experiência social, a paisagem e as condições naturais no qual um conjunto humano foi formado (sua arte, suas ferramentas, sua arquitetura, as formas de produção, o modo de organização, etc.), assim como suas aspirações, crenças, mitos, e códigos úteis para suas relações. Estes elementos tangíveis e intangíveis se configuram de tal maneira, que transformam as condições existentes, enquanto que expressam os valores que dão direção e significado no âmbito pessoal e coletivo.

As culturas não são uma simples resposta reflexiva frente aos condicionamentos e determinismos externos. São antes de tudo a expressão da intencionalidade humana, são configurações temporais nas quais prima o futuro.

Também são acúmulo de memória histórica que se transmite de distintas formas convertendo o cultural no estabelecido. Mas, si bem que a cultura estabelecida tenda a perceber-se como algo imóvel e permanente, sempre está submetida a uma transformação.

Estas são algumas considerações com as quais queríamos aproximar de nosso tema.

Considerações que encontram maior desenvolvimento e fundamentos em nosso Caderno de Convergência das Culturas e que, aliás, serão enriquecidas com os numerosos aportes que necessitamos.

Os aspectos mais profundos de uma cultura, a partir da própria, podem ser difíceis de serem percebidos e podem se revelar quando se aprofunda no diálogo. Um diálogo que por experiência sabemos ser possível no momento em que pomos como condição o ser humano como valor central.

A atitude para o diálogo

No reconhecimento profundo do valor de todas as culturas, da importância da diversidade para a evolução da vida em nosso planeta, encontra-se a chave para o diálogo.

Acreditamos que potenciar nossa ação nesta direção é uma tentativa única no momento atual no qual tudo tende à diferenciação e pode constituir uma ponte entre os seres humanos quando todas as pontes tendem a cair.

Organização da Convergência das Culturas

Convergência das Culturas é uma organização de caráter mundial; neste sentido seus membros, independentemente do lugar onde atuam, se sentem parte da mesma ação mundial humanizadora que se expressa de maneira diversa, mas convergente.

Convergência se organiza como uma Federação Mundial que agrupa todos as Equipes de base do mundo.

Equipes de base:

São as estruturas fundamentais de Convergência desenvolvem suas atividades em nível de bairro, em escolas, universidades, locais de trabalho, por Internet, etc.

A figura do promotor de Equipes de Base é a mais importante. Qualquer pessoa pode ser promotora de uma Equipe de Base começando a formar um grupo.

Estes grupos são coordenados em um primeiro momento pela pessoa que os colocou em marcha. Quando um grupo em formação alcança um mínimo desenvolvimento (10 participantes) e permanência se transforma em uma Equipe da Convergência das Culturas.

As equipes estão integradas por membros plenos e aderentes.

Os **membros plenos**: Impulsionam o desenvolvimento das atividades de CC; aportam com uma coleta anual e participam das votações.

Aderentes: Recebem informação e participam das atividades.

A equipe realizará anualmente uma eleição na qual participam todos seus membros plenos, para confirmar ou trocar seu coordenador inicial.

A participação está aberta a toda pessoa, sem discriminação alguma.

Todo aquele que esteja vendo esta apresentação, pode começar a participar em CC desde já.

Atividades:

Crescimento, comunicação e formação.

Crescimento: ação orientada a pessoas, redes e organizadores com o objetivo de fazer conhecer questionamentos, propostas e ferramentas, e convidar à participação.

Comunicação e intercâmbio com outras equipes de CC e com organizações afins e seus objetivos.

Formação de seus membros pondo a sua disposição as ferramentas de desenvolvimento pessoal, cultural e social que se encontram em seus materiais oficiais.

Funções conjuntas:

A medida que se desenvolvam, as equipes se darão as funções que considerem necessárias. Por exemplo: porta-voz, relações com outras organizações, legal e jurídica, imprensa e difusão, outras. Estas funções são escolhidas por votação dos membros segundo necessidade, e são exclusivamente de serviço ao conjunto: respondem a um mandato com alinhamentos precisos.

Coordenação Nacional

Quando em um país há pelo menos 10 Equipes de Base, os membros plenos de todo país elegem uma Equipe Nacional de até 8 integrantes.

Para efetuar a primeira eleição, se formará uma equipe promotora nacional integrada por representantes das equipes de base, que determinará os tempos e modos que será efetuada a eleição.

As funções da Equipe Nacional são

- Coordenação de atividades conjuntas

- Materiais e Arquivo
- Legal
- Administrativa (economia e web)
- Imprensa
- Relações
- Ideológica
- Porta-voz

As funções têm uma duração de 2 anos e podem ser reeleitas. São exclusivamente de serviço ao conjunto: respondem a um mandato com alinhamentos precisos.

Coordenação Mundial

A coordenação mundial está a cargo de uma equipe eleita a cada dois anos por votação direta dos membros plenos do organismo em todo mundo.

Suas funções são

- Coordenação
- Informação
- Web
- Posição diante de conflitos
- Imprensa internacional
- Relações internacionais

Estas funções são exclusivamente de serviço ao conjunto: respondem a um mandato com alinhamentos precisos. Podem ser reeleitas.

Em caso de decisões importantes, que afetem o posicionamento e o desenvolvimento do conjunto, se realizará uma consulta geral a todos as equipes de base, através das equipes nacionais. Se for considerado necessário, poderá se realizar uma votação mundial e direta sobre o tema.

Síntese organizativa:

Convergência das Culturas é uma organização de caráter mundial.

Organiza-se como uma “Federação” que agrupa todas as Equipes de Base do Mundo.

Suas formas de participação são abertas e flexíveis.

É uma organização de base humana na qual cada pessoa se faz responsável daquilo que impulsiona e constrói.

A figura mais importante é a do Promotor de novas equipes.

As estruturas fundamentais de Convergência são as “Equipes de Base”, formadas por membros plenos e aderentes.

As equipes nacional e mundial cumprem funções de coordenação ao serviço do conjunto.

Todo aquele que esteja vendo esta apresentação pode começar a participar em Convergência das Culturas agora mesmo.